

Exclusivo

ECONOMIA

Inflação: o maior inimigo dos consumidores em 2022



Getty Images

Hoje é o Dia Mundial do Consumidor. Com os produtos energéticos a impulsionar, a escalada dos preços agravou-se com a guerra na Ucrânia e já chegou a bens essenciais, como o pão. Inflação ainda deve subir mais antes de começar a descer



15 MARÇO 2022 7:10



Sónia M. Lourenço
Jornalista



Carlos Esteves
Infográfico

ÚLTIMAS



Bruno Vieira Amaral
Se o arrependimento matasse



Putin faz ultimato: sem pagamento em rublos o gás será cortado



Nélson Veríssimo: “O meu futuro é o que menos me preocupa. Falo diariamente com o nosso presidente, estou a par do que está a acontecer”



Em apenas uma década, os glaciares da Nova Zelândia podem desaparecer

Ir à padaria e ser confrontado com uma conta superior ao habitual foi a experiência de muitos portugueses nas últimas semanas e é corroborada pelas estatísticas oficiais: o preço do pão e dos cereais é um dos que mais estão a subir em Portugal. A tendência de aceleração geral dos preços que já se sentia agravou-se com o intensificar das tensões geopolíticas que culminaram com a invasão russa da Ucrânia, a 24 de fevereiro.

Os combustíveis são a face mais visível desta escalada, mas ela vai muito além dos produtos energéticos e já chegou aos bens essenciais. E os preços ainda podem subir mais, avisam os economistas. No dia mundial do consumidor, não restam dúvidas sobre a grande ameaça aos consumidores este ano. Chama-se inflação e vai 'roubar' poder de compra às famílias.

O choque da guerra chega com a inflação em máximos históricos na zona euro, nos 5,8% em fevereiro. Em Portugal, o valor é mais baixo, com a inflação, medida pela variação homóloga do Índice de Preços no Consumidor (IPC), a atingir 4,2%. Ainda assim, é o valor mais elevado em mais de uma década, desde outubro de 2011.

DOS COMBUSTÍVEIS AO PÃO, QUE PREÇOS MAIS SOBEM EM PORTUGAL?

Que preços estão a subir mais em território nacional? Uma análise detalhada dos dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) mostra que são os produtos energéticos.

O grande destaque são os combustíveis e lubrificantes para equipamento para transporte pessoal, que representam mais de 4% do cabaz de referência do INE para o cálculo da inflação - que procura traduzir o cabaz de consumo médio em Portugal -, e cujo preço deu um salto de 22% entre fevereiro de 2021 e o mesmo mês deste ano. Nos combustíveis líquidos o agravamento é ainda mais expressivo, nos 30,1%, e ultrapassa os 15% no caso do gás.

Mas há subidas a dois dígitos noutros bens e serviços. É o caso dos óleos e gorduras alimentares (16,7%), das férias organizadas (15,2%), dos serviços de alojamento (13,5%), e do mobiliário e acessórios (10,2%).

Também os serviços e materiais para manutenção e reparação de habitações (8,9% e 6,5%, respetivamente), os jornais (8,8%), as bicicletas (8,7%), a jardinagem (8,2%), os animais de estimação e produtos relacionados (8%), os seguros relacionados com a saúde (7%), o pão e cereais (6,2%), e os transportes aéreos de passageiros (6,1%) registam subidas de preços bem acima do índice geral, mostram os dados do INE.

A explicação prende-se com vários fatores que vão desde efeitos de base associados à pandemia - há um ano o país enfrentava o seu segundo confinamento geral para travar a covid-19, que assolava em força a Europa -, a forte recuperação da atividade nos últimos meses, a escalada dos preços do petróleo, dos produtos energéticos e de outras matérias-primas, a forte incidência dos custos energéticos no processo produtivo de vários bens e serviços, o aumento dos custos de transporte, e as disrupções nas cadeias de abastecimento globais.

Tudo se agravou com a invasão russa da Ucrânia. A Rússia é um dos maiores exportadores mundiais de petróleo e gás, com

- representa 40% do gás, por exemplo. Os dois países são também dos maiores produtores de cereais a nível global e em diversas matérias-primas.



INFLAÇÃO AINDA VAI SUBIR



A inflação ainda vai subir mais antes de começar a desacelerar,



avisam os economistas. Na semana passada, o Banco Central



Europeu (BCE) reviu em alta as suas projeções para a subida geral



dos preços na zona euro este ano, para os 5,1%, quando em

dezembro apontava para 3,2%. É mais do dobro da fasquia dos

2%, a referência sobre estabilidade dos preços para o BCE. Mais ainda, no pior cenário previsto por Frankfurt, dada a situação de guerra no leste europeu, a inflação este ano pode chegar aos 7,1%, um novo recorde na história do euro.

Em Portugal, há consenso entre os economistas de que os valores deverão ser inferiores aos da zona quero. O Santander, por exemplo, aponta para uma taxa de inflação anual de 3,7% para 2022, o que compara com os 1,3% registados em 2021. "Contudo os riscos de uma maior aceleração são elevados", avisa Bruno Fernandes, economista do banco.

Petróleo e gás natural são produtos onde os preços ainda mais podem subir. Contudo, a volatilidade é outra marca dos tempos de grande incerteza que se vivem, como ilustra bem a forte correção dos preços do petróleo nos mercados internacionais esta segunda-feira, depois do pico atingido na semana passada.

"Os impactos diretos são quase imediatos sobre o preço da energia, que fruto da sua intensidade e duração, naturalmente tenderão a refletir-se sobre todas as cadeias de distribuição", destaca Bruno Fernandes. Ou seja, a escalada dos preços energéticos vai, mais cedo ou mais tarde, 'contaminar' o resto da economia, dado o seu peso na estrutura produtiva.

Pedro Brinca, economista e professor da Nova SBE, aponta na mesma direção. No imediato, o conflito na Ucrânia, "levará ao aumento dos combustíveis e bens alimentares, mas no médio prazo todos os setores estão dependentes dos preços de energia pelo que irá sentir-se também de forma generalizada", afirma, chamado a atenção, para além da energia, para os cereais e de alguns metais, como o níquel e o paládio.

No ano passado, "a energia foi o fator que mais contribuiu para a subida generalizada dos preços e este ano o fenómeno acentuou-se, particularmente nas ultimas duas semanas em que o conflito

se generalizou e existe a perceção de que a interrupção do fornecimento de energia da Rússia pode acontecer a qualquer momento”, acrescenta Pedro Brinca. “Outro foco de inflação serão os bens alimentares: 25% da produção mundial de trigo vem da Ucrânia e Rússia, o que tem feito disparar vários alarmes”, enfatiza o economista.

CONSUMIDORES PERDEM PODER DE COMPRA

A explicação para esta aceleração dos preços na Europa - e de forma diferente do que acontece do outro lado do Atlântico, nos Estados Unidos - está, sobretudo, em disrupções do lado da oferta, e não em pressões do lado da procura, associadas a uma valorização dos salários, apontam os economistas.

“O fenómeno de subida acentuada da inflação é decorrente de disrupções do lado da oferta, nomeadamente ao nível das cadeias de distribuição em especial no preço dos bens, fruto da pandemia, e que foi amplificado pela guerra através do aumento do preço da energia”, afirma Bruno Fernandes, salientando que “não tem origem num aumento da procura, e por conseguinte a subida dos salários não acompanha essa subida” dos preços.

Caso não haja uma alteração nesta relação de forças, preços a subirem mais do que os salários significam uma degradação do poder de compra das famílias, que pode levar a uma retração do consumo, em especial de bens e serviços não essenciais.

“O aumento da duração e intensidade do impacto da subida do preço da energia começa refletir-se de forma estrutural em todas as cadeias de produção e distribuição de bens, que resultará, naturalmente, num aumento estrutural dos preços finais no consumidor”, alerta Bruno Fernandes, destacando a “especial relevância sobre o preços dos bens essenciais (isto é, alimentação, casa e saúde)”.

O economista lembra que "os bens essenciais representam cerca de 40% do total do cabaz de consumo das famílias", pelo que "uma subida acentuada e estrutural destes preços deverá diminuir a capacidade de consumo das famílias de bens considerados não essenciais", avisa.

Pedro Brinca chama a atenção para o agravamento dos custos das famílias com a energia e habitação, a par dos transportes. São áreas onde os preços estão a subir acima do índice geral - nos 5,1% e nos 8,5%, respetivamente -, com forte peso no cabaz de consumo das famílias - cerca de 10% e 15% respetivamente -, "e são tipicamente bens de procura mais rígida, em que as famílias têm menor capacidade de substituição, levando a impactos maiores no bem-estar", alerta.

Na mesma linha, também os produtos alimentares, que representam cerca de 21% do cabaz de consumo, registam subidas de preços acima do índice geral, nos 4,7%.

FAMÍLIAS MAIS POBRES SÃO QUEM MAIS SOFRE

Como é que esta aceleração da inflação afeta as diferentes famílias e consumidores? É preciso ter em atenção que "os ponderadores de cada classe de bens e serviços que servem de base à construção do índice de preços do consumidor e ao cálculo da inflação são médias e, naturalmente, diferentes famílias, em particular ao longo da distribuição de rendimento, têm um peso no seu consumo habitual que é diferente", aponta Pedro Brinca.

"As famílias com rendimentos mais baixos estão mais expostas a aumentos de preços de bens essenciais, como habitação, água, eletricidade, gás e outros combustíveis, bem como transportes, do que estarão a aumentos dos preços de restaurantes e hotéis ou recreação e cultura", vinca o economista.

O aumento de 4,7% nos preços dos produtos alimentares fica acima da subida de 4,2% do índice geral, e "será muito mais sentido pelas famílias de baixos rendimentos, onde o peso é comparativamente maior no total dos gastos em consumo", destaca Pedro Brinca, considerando que "os preços da energia também poderão estar a desempenhar o mesmo papel".

"Sendo que as famílias mais desfavorecidas têm um peso sobredimensionado de bens alimentares e energia nos seus orçamentos, a perda de poder de compra será maior do que aquilo que seria esperado olhando apenas para a inflação média. Desta forma, estas famílias terão uma perceção, bem real, que os impactos da subida dos preços serão maiores do que para as outras famílias", remata Pedro Brinca.



+ **Exclusivos**